



## AS TRAJETÓRIAS DE DUAS PROFESSORAS NEGRAS<sup>1</sup> NO ENSINO SUPERIOR

Isabel Machado<sup>2</sup>

Minha pesquisa é sobre as trajetórias de duas professoras negras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Maria José e Lucia Maria, mãe e filha. Busco através de fotografias (re)contar os caminhos percorridos por estas professoras em uma instituição de ensino superior marcada pelo racismo institucional e estrutural, onde poucas mulheres negras ocupavam/ocupam cargos considerados de poder e como estas apropriaram-se do currículo como meio para trazer aqueles(as) que passaram por processos históricos de invisibilização, silenciamentos e discriminações. Além das fotografias, buscarei também através de narrativas daqueles(as) que conviveram e os que convivem com estas professoras discutir a formação identitária dessas mulheres, suas lutas e vivências traçando como estas podem influenciar suas práticas profissionais.

Procurei seguir os caminhos percorridos pela professora Maria José Alves de Oliveira, Zezé, como era conhecida, onde estes me levaram também ao encontro de sua filha Lucia Maria Alves de Oliveira. Zezé foi professora do Instituto de Educação Física e Desportos da UERJ desde sua criação em 1970 até 2008, ano em que faleceu. Lúcia Maria também é professora deste Instituto, muito por influência de sua mãe, desde 2003 e atualmente é responsável pelo Laboratório cujo projeto foi gerado por sua mãe.

Essas professoras tornaram-se ‘personagens’ principais de minha pesquisa seguindo um caminho inverso, a partir de imagens fui (re)descobrimo suas trajetórias e com isso buscando entender quais foram os processos que circularam para o permanecimento destas professoras negras nesta instituição e quais as *táticas* (Certeau:1994) que estas lançaram mão para transpor barreiras impostas pelo racismo institucional e social, um quebra cabeça que foi sendo montado peça por

---

<sup>1</sup> Negro. Denominação genérica do indivíduo de pele escura e cabelo encarapinhado e em especial dos habitantes da África subsaariana e seus descendentes; descendente de africano, em qualquer grau de mestiçagem, desde que essa origem possa ser identificada fenotipicamente. No Brasil, o vocábulo, que durante muitos anos foi sinônimo de “escravo”, passou, com o tempo a ser um referente étnico e político, reivindicando como autodenominação até pelos afro-descendentes de pele clara. Nos Estados Unidos, a conotação negativa ainda acompanha o qualitativo “negro” e sua variante “nigger”, altamente ofensiva. Assim, lá, os afro-descendentes reivindicam para si o tratamento de “african-americans” (afroamericanos), a exemplo de outros grupos, como os judeus americanos, ítalo-americanos, hispanoamericanos etc., cujas origens étnicas foram agregadas às respectivas definições de nacionalidade. Lopes (2004:47.)

<sup>2</sup> Pedagoga, pesquisadora vinculada ao Laboratório Educação e Imagem, mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. imabe\_uerj@yahoo.com.br.



peça. Ter as fotografias como potências da pesquisa tem uma das bases teóricas Kossoy (2001:28) onde este ressalta:

É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. Segunda vida perene e imóvel preservando a imagem-miniatura de seu referente: reflexos de existências/ocorrências conservados congelados pelo registro fotográfico. Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros que os observam livres de paixões, estejam eles próximos ou afastados do lugar e da época em que aquelas imagens tiveram origem.

Meu primeiro contato com estas fotografias, que sem dúvida detonou em mim sentimentos profundos, foi através de uma seleção do acervo imagético<sup>3</sup> pertencente à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) cujo fotógrafo responsável era João Vitalino.

As fotografias onde identifiquei visualmente negros e negras, tomando como referências pigmentação da pele, algumas características físicas que me são familiares, tais como: formato do nariz, boca e tipos de cabelos. Tenho como apoio o uso para tais critérios o tipo de preconceito existente no Brasil identificado por autores como Paixão (2006), Guimarães (2008) e Teixeira (2003), o *preconceito de marcas*: baseado no fenótipo ou aparência, e que determina preterição. Saliento, contudo, que esses não são os melhores e nem os únicos critérios para ser e se identificar como negros e negras. Tomo esta como uma escolha pessoal para seleção dessas fotografias, entendendo que os processos identitários dos negros não se começa somente do olhar de dentro, mas também da relação com o olhar do outro, do que está de fora (Gomes:2006).

Na tentativa de afunilar mais minha pesquisa busquei estabelecer qual segmento iria estudar, funcionários, discentes ou docentes. Para tal escolha pesquisei onde estariam os menores contingentes de pessoas negras nestes segmentos e baseando-me em dados do IBGE apresentados por Teixeira (2006:30) apontando números significativamente inferiores de professores negros em relação a professores brancos no ensino superior. E, comparando então os números de professoras negras com professoras brancas estes foram ainda menores<sup>4</sup>. Meus objetivos foram assim se definindo no próprio movimento de começar a pesquisar.

Este foi então o segmento de investigação escolhido, seguiria *os rastros* (Ginzburg:1989) através das imagens onde estas professoras encontravam-se. Passando assim para uma nova etapa da pesquisa, nestas mesmas imagens teria que descobrir quais daquelas que identifiquei como negros(as) seriam professoras. Recorro a Santana (2004:43) neste momento sobre como *as*

---

<sup>3</sup> Este acervo vem sendo organizado e pesquisado no projeto coordenado pela professora Nilda Alves, intitulado Memórias Imagéticas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – algumas questões curriculares sobre um acervo fotográfico da UERJ.

<sup>4</sup> Total de professores por sexo e cor – Brasil/ Censo demográfico 2000: Professores do ensino superior: Homens brancos 23,3, Homens pretos e pardos 8,0; Mulheres brancas 5,1, Mulheres pretas e pardas 1,6.



*biografias dos professores, por sua diversidade, permitem apreender os vários percursos de formação e transformação.*

Nestes percursos retornei a série de fotografias lançando outros olhares, e uma figura que já havia se destacado durante meu primeiro contato com os álbuns, pelas suas vestimentas (foto 01) características de algumas mulheres do continente Africano. Seguindo estes caminhos, algumas pistas presentes nas imagens indicavam que esta poderia ser uma professora, por exemplo, na foto 02 ela está posicionada entre alunos, identificáveis pelos uniformes, e pelo reitor Charles Fayal.

Em conversas com outros integrantes do grupo de pesquisa o qual faço parte sobre a dificuldade que estava tendo em encontrar informações sobre a série de fotografias onde esta mulher negra aparecia, estes ao verem tais fotos reconheceram a mulher ali retratada como uma ex-professora do Instituto de Educação Física, Maria José. Essas ausências de informações sobre estes(as) professores(as) negros(as) são algumas das *estratégias* (Certeau:1994) utilizadas por aqueles que defendem uma hegemonia branca e de opressão a negras e negros.

Na tentativa de transpor tais *estratégias* recorri às pessoas que a identificaram, uma delas foi Guilherme Locks, também professor do mesmo instituto, ao saber que me interessava pela história dessa professora, contou que sua filha também professora deste instituto havia assumido a matéria ministrada por sua mãe. Neste ponto eu já escrevia meu primeiro texto sobre esta professora, sobre o que eu havia visto em suas fotografias, minhas impressões sobre elas. Meus olhares sobre sua história baseada nas fotografias e nos relatos do professor Guilherme, minha tentativa de acompanhar o que Martins (2008:36) chama de ocultações e revelações e tentando (re) contar algumas histórias de nos mulheres que por muito tempo fomos massacradas e silenciadas, como Perrot (2005:11) escreve:

As mulheres não estão sozinhas neste silêncio profundo. Ele envolve o continente perdido das vidas tragadas pelo esquecimento em que se aniquila a massa da humanidade. Mas ele pesa mais fortemente sobre elas, em razão da desigualdade dos sexos (...). As mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer a sua história é, antes de tudo, inevitavelmente, chocar-se contra este bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar, sem saber como elas mesmas as viam e as viviam.

### *Meu encontro com Lucia Maria e Maria José*

Nosso encontro foi no Laboratório de Programa de Culturas Populares e Folclore (LCPF), localizado no 9º andar, em uma sala onde vi materializados alguns objetos que havia identificado somente pelas fotografias. Esse encontro foi como uma colcha de retalhos, pois a cada pedaço, a cada retalho meu ia cosendo a um retalho dela, minhas impressões sobre as fotografias, meus



sentimentos despertados diante da história dessa mulher iam se juntando a uma memória de sua filha.

Para esta conversa, comecei meus retalhos levando as fotografias nas quais identifiquei Maria José, pesquisei seus currículos *Lattes*, onde descobri que ambas tinham suas vidas acadêmicas interligadas, ao ponto de terem escrito textos juntas e Lucia ter sido orientada por sua mãe.

Lucia viu as fotografias, as mesmas que usei em meu texto, identificou a mãe e contou sobre algumas situações retratadas e em algumas delas notou a presença de suas irmãs (foto 03) e ela nas fotografias, e esta contou como também participava dos eventos realizados por sua mãe desde criança e como Maria José fazia questão que elas participassem de sua vida também profissional.

Seguimos cosendo sobre a trajetória de Lucia e esta respondeu que falar sobre sua trajetória era inevitavelmente falar sobre sua mãe, já que o Laboratório onde suas atividades são desenvolvidas realizam-se no LCPF idealizado por Zezé.

Durante minhas pesquisas sobre a atuação de Maria José na UERJ e atualmente o de Lúcia, percebi como através desta disciplina e este laboratório estas professoras traziam/trazem aqueles(as) que estavam no em torno da universidade, os que ali não deviam estar presentes. Maria José e atualmente sua filha, entre outros projetos, trabalham com as culturas afrodiáporicas<sup>5</sup>.

Esta ligação de Maria José se dava através das escolas de samba que estavam no em torno da UERJ e que agora são parceiras de sua filha, que eram consideradas como de 'fora' do espaço acadêmico pode ser comprovada através das fotografias. Contudo, ressalto a idéia do que seja estar 'fora', pois tais comunidades sempre estiveram presentes neste lugar, apesar dos processos de desqualificações e invisibilizações. Guimarães (2008:49) em sua descrição sobre discriminação traz,

Discriminação. Nesse caso, o preconceito age de modo ativo em detrimento de seu desafeto, Seu comportamento procura impedir os membros de um determinado grupo de usufruírem certos tipos de emprego áreas residenciais, direitos políticos, oportunidades educacionais ou recreativas, igrejas, hospitais, ou algum tipo de privilégio social. A segregação é uma forma institucionalizada de discriminação, protegida pelas leis ou pelos costumes.

No Brasil está segregação muitas vezes não ocorre de forma direta, mas indiretamente, Lucia em um momento de sua fala, lembra como sua mãe era considerada algumas vezes 'mística', pelo trabalho dela, uma forma de desqualificar o que fazia, voltando à idéia do negro como o 'exótico'. O envolvimento de Maria José com as questões sobre as relações raciais perpassa por um

---

<sup>5</sup> Durante o meu trabalho venho buscando em diversos autores, como Gilroy e Bhabha uma maneira de tentar discutir a cultura afrodiáporica de um modo não essencialista, mas também não tão integralista que já estaria diluída, o que poderia reforçar os discursos de invisibilização dos elementos culturais negros.



(re)conhecimento do lugar que esta ocupou, tendo sido uma professora negra em um ambiente marcado pelo racismo estrutural, institucional e social. Gomes (1995:142) escreve,

Ser negra e discutir a questão racial é um processo muito complexo. Representa ser confrontada a todo momento com o racismo vivido na história, no cotidiano e com a introjeção dos valores racistas. Para desconstruí-los há que se fazer um longo processo de repensar a própria trajetória da vida.

O racismo, o preconceito e a discriminação produziram/produzem desigualdades sociais profundas na sociedade brasileira. A maneira de manifestação torna-se extremamente perversa por ser um racismo sutil, muitas vezes aqueles que o sofrem sequer percebem. Porém em algumas de suas práticas, pode-se sim perceber, como a discriminação ou o racismo institucional, lanço mão de Müller (2006: 73) sobre o assunto, *é considerada discriminação institucional toda prática institucional que distribui benefícios ou recursos de forma desigual entre distintos grupos raciais.*

Das fotografias apresentadas para Lucia tenho uma série que me serviram como base para entender como Maria José se posicionava diante dos processos discriminatórios contra negras e negros, estas retratavam Maria José participando de uma cerimônia na qual o reitor Charley Fayal confere um diploma de honra e amizade a Nelson Mandela<sup>6</sup> datado de 11 de outubro de 1985, neste vem os seguintes dizeres:

O reitor da UERJ, no uso de suas atribuições, confere este diploma de honra e amizade a Nelson Mandela, como elo importante da corrente de solidariedade que o mundo vem construindo pela causa da liberdade, igualdade, justiça e dignidade de nossos irmãos Sul-Africanos.

Nessa (foto 04) Maria José está ao lado de um homem negro reconhecido por Lucia como o fotógrafo Januário<sup>7</sup>, importante fotógrafo brasileiro. Esta cerimônia é coordenada por uma entidade chamada COMÁFRICA, movimento fundado em 1985, como resultado de uma ponte entre a pesquisa acadêmica e a efetivação da política externa pela sociedade civil no Brasil como política pública.

Estas são informações que serão aprofundadas no decorrer de minha pesquisa, seu envolvimento com estes movimentos, suas *táticas* para permanecer e marcar este lugar que historicamente lhe era negado, pretendo através das narrativas de Lucia, de pessoas que conviveram com esta professora negra, das fotografias percorrer seus caminhos chegando assim aos caminhos

---

<sup>6</sup> Nelson Rolihlahla Mandela (Mvezo, 18 de julho de 1918) é um advogado, ex-líder rebelde e ex-presidente da África do Sul de 1994 a 1999. Principal representante do movimento anti-apartheid, como ativista, sabotador e guerrilheiro. Considerado pela maioria das pessoas um guerreiro em luta pela liberdade, era considerado pelo governo sul-africano um terrorista. Passou a infância na região de Thembu, antes de seguir carreira em Direito. Em 1990 foi-lhe atribuído o Prêmio Lênin da Paz, que foi recebido em 2002. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Nelson\\_Mandela](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nelson_Mandela)

<sup>7</sup> O fotógrafo *Januário Garcia*, que nos últimos 30 anos vem documentando a história dos negros brasileiros. "Januário Garcia, mineiro de nascimento e carioca da gema por opção é o viajante dos nossos tempos. Fotógrafo, negro, militante, dono de um olhar atento descobridor dos sete mares da diáspora africana". Fonte: <http://imagesvisions.blogspot.com/2008/10/expoio-do-fotografo-janurio-garcia.html>



de sua filha, na busca assim de encontrar também quais foram e serão os meus próprios passos, sendo também uma mulher, negra, professora e pesquisadora neste mesmo lugar. Werneck (2008:83) escreve:

Sabemos que tem sido a partir de condições profundamente desvantajosas em diferentes esferas que as mulheres negras desenvolveram e desenvolvem suas estratégias cotidianas de disputa com os diferentes segmentos sociais em torno de possibilidades de (auto)definição. Ou seja, de representação a partir de nossos próprios termos, a partir do que se projetam novos horizontes. Estratégias que deviam e devem ser capazes de recolocar e valorizar nosso papel de agentes importantes na constituição do tecido social e de projetos de transformação.

Nessas idas e vindas vou tecendo suas histórias que se entrelaçam com tantas outras histórias de diferentes mulheres negras, com suas lutas, práticas, processos identitários, superações e mudança do olhar sobre as relações entre os praticantes destes tantos cotidianos. Com a pretensão de visibilizar o lugar das mulheres negras e o impacto de sua atuação para a constituição dessas práticas cotidianas. Desnaturalizando práticas sexistas, racistas e discriminatórias.

#### *Referências bibliográficas*

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GUIMARÃES, Antonio. *Preconceito racial: modos, temas e tempo*. São Paulo: Cortez, 2008.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- GOMES, Nilma. *Sem perder a raiz: o corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MÜLLER, Maria. *Estatutos Estaduais do Magistério e Discriminação Racial*. In: Oliveira, Iolanda de. (org.) *Cor e Magistério*. Quartet; Niterói, RJ: EDUFF, 2006.
- PAIXÃO, Marcelo. *Manifesto anti-racista: idéias em prol de uma utopia chamada Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A; LPP/UERJ, 2006.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- SANTANA, Patrícia. *Professores Negros: Trajetórias e travessias*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.



SANTOS, Boaventura. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, Outubro 2002: 237-280.

TEIXEIRA, Moema. *A presença negra no magistério: aspectos quantitativos*. In: Oliveira, Iolanda de.(org.) *Cor e Magistério*. Quartet; Niterói, RJ: EDUFF, 2006.

\_\_\_\_\_. Moema. *Negros na universidade: identidade e trajetória de ascensão social no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

WERNECK, Jurema. *Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo*. In WERNECK, Jurema (Org.). *Mulheres Negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil*. Rio de Janeiro: Crioula, 2008.



Foto 01  
Maria José usando óculos escuros



Foto 02



Foto 03  
Irmã de Lucia sentada à frente



Foto 04  
Da esquerda para direita: Januário,  
Charles Fayal e Maria José